

ROSENSTEIN-RODAN E SEU PERÍODO EM VIENA

Diogo Alberto de Moraes
Mestrando no PPGDE/UFPR
E-mail: diogomoraes_idp@yahoo.com.br

Eduardo Angeli
Professor da UFPR
E-mail: eduardoangeli@hotmail.com

RESUMO: O objetivo do artigo é compreender o ambiente intelectual no qual se deu a formação acadêmica de Rosenstein-Rodan, bem como o contexto em que ele escreveu seus primeiros trabalhos. De origem austríaca, Rosenstein-Rodan foi um dos pioneiros da chamada Teoria do Desenvolvimento em meados do século XX. Contudo, pouco é dito de seu período em Viena, sob a influência da Escola Austríaca, bem como de algumas de suas primeiras publicações nos temas pertinentes a esta escola de pensamento. Para atingir este objetivo, o artigo trata do ambiente intelectual de Viena. A seguir, aborda alguns dos trabalhos, colaborações e interesses de pesquisa desenvolvidos por Rosenstein-Rodan no referido período. Também trata da sua saída da cidade em meio à escalada do antissemitismo, da emigração maciça de seus colegas e das oportunidades de trabalho e pesquisa no exterior.

PALAVRAS CHAVE: Rosenstein-Rodan; Escola Austríaca.

ABSTRACT: The aim of the article is to understand the intellectual environment in which Rosenstein-Rodan's academic training took place, as well as the context in which he wrote his first works. Of Austrian origin, Rosenstein-Rodan was one of the pioneers of the so-called Theory of Development in the mid-20th century. However, little is said about his period in Vienna, under the influence of the Austrian School, as well as some of his first publications on the themes relevant to this school of thought. To achieve this goal, the article deals with the intellectual environment of Vienna in the interwar period. Next, it addresses some of the works, collaborations and research interests developed by Rosenstein-Rodan in that period. It also addresses his departure from the city amid escalating anti-Semitism, the massive emigration of his colleagues and opportunities for work and research abroad.

KEYWORDS: Rosenstein-Rodan; Austrian School.

CÓDIGOS JEL: B13; B25; B31.

Artigo submetido ao XXIII Encontro de Economia da Região Sul

Área 1: Metodologia e História do Pensamento Econômico

1 INTRODUÇÃO

Paul Narciz Rosenstein-Rodan (1902-1985) foi um economista de origem judaica nascido em Cracóvia e educado na Escola Austríaca de Pensamento Econômico, na cidade de Viena (ALACEVICH, 2020). Pouco se sabe sobre sua infância além de que seu pai era juiz de direito e sua mãe era do lar - arranjo familiar comum entre os judeus da cidade (HÜLSMANN, 2007, p. 17). Sua origem elitista, no entanto, não destoa muito dos demais autores que compunham a Escola Austríaca no seu tempo - em que eram abundantes os “*von*” nos sobrenomes dos alunos, e os recursos privados à disposição dos seus principais docentes (DEKKER, 2014, p. 40). Além disso, sua irmã foi a poetisa e pintora surrealista Erna Rosenstein (1913-2004), ativista da causa comunista e participante do coletivo artístico *Grupa Krakowska* (USAKOWSKA-WOLFF; WOLFF, 2013).

Com uma carreira inicialmente marcada por interesses ligados às temáticas da Escola Austríaca, como a teoria econômica pura, a utilidade marginal e o papel do tempo, seu processo de distanciamento se confirmaria em 1943. Naquele ano, publicou um trabalho sobre as dificuldades da industrialização do Leste Europeu e formas de lidar com a questão. Com essa obra, não apenas ganharia destaque na recém-nascida disciplina de desenvolvimento econômico, mas também ajudaria a popularizar conceitos como o *big push* e o crescimento balanceado - ideias que ilustram o potencial (e, por vezes, a necessidade) do financiamento ao desenvolvimento industrial das regiões mais periféricas do globo.

Com passagens pela *University College London* (desde 1930) e pela *London School of Economics* (até 1947), Rosenstein-Rodan também atuou em organizações internacionais como o Banco Mundial (1947-1953). Já nos Estados Unidos, lecionaria no MIT, na Universidade de Boston - na qual fundou e dirigiu o Centro de Estudos em Desenvolvimento Latino-americano - e na Universidade do Texas (Austin). Rosenstein-Rodan também integrou, entre 1961 e 1966, um painel de nove *experts* em economia internacional na chamada Aliança para o Progresso (*Alliance for Progress*), estabelecida pela Organização dos Estados Americanos. No entanto, o grupo resignaria por conta da queda na sua autonomia e da dominância do governo dos EUA nas decisões da organização (PAUL, 1985, p. 26).

A despeito da extensa carreira, no entanto, pouco se discute sobre o autor na literatura. Um dos primeiros trabalhos que se propôs a demonstrar o processo evolutivo do seu pensamento teórico desde as primeiras publicações em Viena até os trabalhos sobre América Latina foi provavelmente o publicado por Hamid Hosseini, em 1999. Anos mais tarde, em 2020, Michelle Alacevich aprofundou-se na análise da carreira acadêmica, considerando inclusive alguns dos seus principais escritos não publicados (o chamado *grey material*). Por meio de pesquisas documentais, o autor recuperou e reconstruiu mais alguns aspectos importantes de sua vida e pensamento, mais especificamente na área do desenvolvimento (ALACEVICH, 2020, p. 3).

Nenhum dos dois autores, no entanto, dá muita atenção à primeira etapa da sua carreira, os anos em Viena, marcados pelas guerras e pela decadência do Império Austríaco. Hosseini (1999) dedica quase uma página à questão e é bastante restrito a um comentário sobre seus interesses de pesquisa e a uma breve descrição das suas publicações. Alacevich (2020), embora mais detalhista, também não se aprofunda na caracterização do ambiente acadêmico da cidade. Não descreve a formação ou o funcionamento dos principais círculos e seminários de pesquisa. Também não descreve seus professores e principais influenciadores da época - Ludwig von Mises e Hans Mayer são tangencialmente citados. Para suprir essa lacuna, o presente trabalho se propõe a investigar com maior profundidade esses aspectos, e também a abordar outros elementos importantes da história, como algumas percepções dos alunos, bastidores da Universidade, e uma certa contextualização do encaixe da Escola Austríaca no universo cultural e científico da época.

Assim, o primeiro interesse desta pesquisa diz respeito à vida acadêmica que Rosenstein-Rodan teve no seu período em Viena. O que se objetiva é ilustrar o ambiente e, além disso, sua experiência dentro dele. É sabido que a antiga capital da Áustria-Hungria ainda ocupava posição de evidência no cenário científico e cultural europeu, sendo um dos três melhores destinos para se estudar economia à época (ALACEVICH, 2020, p.3). Seus famosos círculos (ou *Kreise*) foram responsáveis por desenvolvimentos de vanguarda em várias áreas do conhecimento, em um regime relativamente desconectado dos poderes políticos (TIMMS, 2009). Desse modo, a formação acadêmica de um estudante

universitário estaria diretamente relacionada não só às disciplinas que este cursava na Universidade, mas também às mesas de discussão que frequentava fora dela.

Para a Escola Austríaca, isso significou que figuras como Mises poderiam realizar seus debates sem necessariamente depender do respaldo da Universidade de Viena, à época contaminada por interesses políticos e sentimentos antissemitas (DEKKER, 2014, p. 41). Mesmo que sem valor em si própria, é razoável imaginar que a autonomia proporcionada pelo distanciamento entre os alunos e as instituições formais de ensino tenha proporcionado a interação intelectual em um ambiente mais amplo e multidisciplinar. De fato, os desenvolvimentos teóricos dessa época contemplaram áreas diversas, como a economia monetária, a teoria dos ciclos de negócios, o cálculo econômico socialista, o capital e o papel do tempo na economia, o comércio internacional, a teoria dos jogos e a teoria do equilíbrio geral (HAGEMANN, 2010).

Uma vez caracterizada a vida intelectual na cidade, o segundo interesse da pesquisa é abordar os trabalhos desenvolvidos por Rosenstein-Rodan à época. Além de elencar suas principais publicações, busca-se ilustrar como elas podem ser compreendidas como parte dos debates da época. Também é possível tecer considerações sobre o transbordamento que alguns conceitos teriam para os trabalhos posteriores, já no campo do desenvolvimento econômico, contextualizando o que esses trabalhos significariam frente ao corpo de publicações do autor.

Por fim, o terceiro interesse da pesquisa é abordar os termos da sua saída da cidade. Adota-se primeiramente uma perspectiva mais ampla, contemplando a deterioração das condições de vida e do intenso acossamento das minorias étnicas, particularmente a judia. Em seguida, trata-se da emigração dos economistas austríacos. Por fim, das oportunidades de pesquisa e trabalho que propiciariam ao autor o seu reposicionamento na Itália e, mais tarde, na Inglaterra.

Além desta introdução, o trabalho conta com mais quatro seções. A segunda trata da Escola Austríaca de Pensamento Econômico e do ambiente intelectual em Viena no período do entre guerras. A terceira aborda alguns dos trabalhos, colaborações e interesses de pesquisa desenvolvidos por Rosenstein-Rodan no período. A quarta trata da sua saída da cidade em meio à ascensão do antissemitismo, da emigração maciça seus colegas e das oportunidades de trabalho e pesquisa no estrangeiro.

2 VIENA E A ESCOLA AUSTRÍACA

Um bom entendimento da formação e dos primeiros anos da carreira de Rosenstein-Rodan dificilmente seria possível sem uma adequada contextualização das peculiaridades que caracterizavam a vida acadêmica local à época. A que mais chama a atenção é provavelmente a relativa marginalização da Universidade de Viena (DEKKER, 2014, p. 30), manifestada pelo papel dos círculos e seminários informais, recorrentes em meio aos cafés da cidade e alguns espaços privados. Estes, articulados como um sistema intrincado de pequenos circuitos, eram compostos por professores e personalidades ocupando seus núcleos, e discípulos orbitando em seu entorno. As frequentes intersecções estabelecidas entre esses círculos promoviam a fertilização do ambiente criativo da cidade e, segundo Timms, “*a rapid circulation of ideas*” (2009, p. 21).

Uma vida intelectual mais informal, como era a vienense, tinha a vantagem de privilegiar aspectos sociais e culturais em detrimento dos debates demasiado teóricos que, à época, dominavam a academia em outros países europeus e nos Estados Unidos (DEKKER, 2014, p. 33). E o fato de que grande parte das atividades acadêmicas nem sequer se concentrava nas dependências da Universidade é um diferencial que se deve particularmente aos seus círculos de debate (ou *Kreise*) (TIMMS, 2009). Nestes, reuniam-se estudantes em torno de um professor que lhes direcionava literatura e liderava pesquisas em seu campo de domínio. Também eram realizadas discussões temáticas e apresentados os temas pesquisados por alunos e visitantes. Mises, por exemplo, é citado como frequentador dos seminários ofertados por Carl Grünberg, “um professor jovem e enérgico que recentemente obtivera o cargo de professor no departamento” (HÜLSMANN, 2007, p. 67, tradução nossa).

Desdobramentos particulares ao contexto da Escola Austríaca também merecem atenção. Mudanças nas lideranças da Universidade teriam implicações na formação dos jovens economistas (HÜLSMANN, 2007, p. 160). Enquanto isso, fora dela, pesquisadores se valeriam de recursos próprios para oferecer aos alunos outras frentes de pesquisa e debate (DEKKER, 2014, p. 40).

Marcado por diferenças metodológicas, disputas de ego e tráficos de influência, o período seria o último em que os principais nomes da corrente de pensamento estariam reunidos na mesma cidade. A partir daí os autores mais expoentes passariam a desenvolver seus trabalhos em outros países. Casos mais famosos seriam o de Hayek, um dos maiores responsáveis pela disseminação das ideias da Escola Austríaca na Inglaterra e o de Mises, que teria um papel parecido nos Estados Unidos (VAUGHN, 1994, p. 62)¹.

2.1 O CENÁRIO INTELECTUAL NA VIENA DO ENTRE GUERRAS

No período que Mises (1969, p. 4) chama de “grande era do liberalismo”, as mais conceituadas universidades da França e da Alemanha tinham um papel nobre na disseminação da cultura em meio à sociedade. Com seus renomados professores, não se limitavam à capacitação profissional e à formação acadêmica, mas eram também centros de erudição abertos aos *outsiders*.

A aproximação entre a comunidade acadêmica e o público em geral, particularmente em Viena, parecia a Mises muito positiva. A seu ver, deixava transparecer a qualidade das lideranças universitárias (bem como a sua decadência), como pode ser evidenciado em seu próprio texto

In Vienna [...] close association of the university teachers with the cultured public of the city prevailed in the last decades of the nineteenth century and in the beginning of our century. It began to vanish when the old masters died or retired and men of smaller stature got their chairs (MISES, 1969, p. 4).

E, de fato, no final do século XIX, a cidade presenciara uma época virtuosa de progressos nas artes e em diversas áreas da ciência. Dekker (2014, p. 30) apresenta como exemplos alguns nomes em evidência na física (Mach e Boltzman), na psicologia (Freud e Adler), nas artes visuais (Klimt, Kokoschka e Schiele), na música (Mahler, Schönberg e Berg), na arquitetura (Wagner e Loos), na literatura (Hoffmanstahl, Roth, Musil e Zweig) e na crítica cultural (Kraus). O período entre guerras também observaria a ascensão de outras áreas do conhecimento, como foi o caso da filosofia, ciências sociais, lógica e matemática. Fundamental para estas seria o papel desempenhado pelo famoso Círculo de Viena (*Wiener Kreis*).

O Círculo de Viena, grupo composto por filósofos e cientistas que pregavam o que seria conhecido como “positivismo lógico”, seria iniciado em 1925, três anos após a chegada de Moritz Schlick, seu coordenador, à Universidade. Entendia que o papel da filosofia era garantir que o conhecimento tivesse forma clara e livre de ambiguidades, opondo-se à metafísica e ao idealismo (CALDWELL, 1994, p. 13). Nesse contexto, a consciência filosófica, a matemática e as ciências exatas eram entendidas como instrumentos para o propósito da harmonização das ciências, pela unificação dos métodos e criação de uma língua científica (MADERTHANER; SILVERMAN, 2009, p. 74).

Diferente do que ocorria com outros círculos em Viena, os principais encontros do *Wiener Kreis* geralmente se davam dentro da Universidade. Figuras importantes nesse contexto, além do coordenador, eram Otto Neurath, Hans Hahn², Philipp Frank e Karl Menger (filho do economista). Um aspecto interessante sobre o *Kreis* diz respeito à sua heterogeneidade. Dekker (2014) menciona pelo menos duas alas: uma conservadora e outra mais esquerdista. Esta última tinha Otto Neurath como membro mais expoente e sustentava uma relação fundamental entre o socialismo, ideais emancipatórios e o conhecimento científico. A primeira, tinha no próprio Schlick seu principal representante, e estava “*more interested in pure science, free of values and metaphysics*” (DEKKER, 2014, p. 37-38).

Dos círculos de debate mais próximos à temática da economia, o caráter liberal não era necessariamente a norma. O círculo austro-marxista, por exemplo, era bastante ativo no período, e tinha como membros importantes Otto Bauer, Karl Renner, Max Adler, Rudolf Hilferding e Julius Deutsch. Além deste, do círculo de Mises (frequentado por Rosenstein-Rodan³) e do próprio Círculo de Viena,

¹ Vaughn (1994, p. 62), sugestivamente intitulado “*Austrian Economics in America: the Migration of a Tradition*”, menciona, dentre os economistas austríacos que precederam Mises em sua fuga para os EUA, no contexto da ascensão do nazismo, Schumpeter, Haberler, Machlup e Morgenstern.

² Que inclusive intermediaria a contratação de Schlick (LEONARD, 1998, p. 8).

³ É interessante observar que, ao passo que Dekker (2014) cita Rosenstein-Rodan como um dos participantes do *Miseskreis*, Hayek comenta, em entrevista a Leijonhufvud, que este não se fazia presente por motivos possivelmente políticos (HAYEK, 1983, p. 52).

temáticas econômicas eram discutidas nos círculos liderados por Hans Kelsen, Heinrich Gomperz, Karl Menger (geralmente referido como um colóquio matemático), Friedrich von Hayek (conhecido como *Geistkreis*) e por Othmar Spann (DEKKER, 2014, p. 36)⁴.

Mises, longe de creditar a promoção desses movimentos culturais autônomos ao governo local, considera que estes, assim como a Escola Austríaca, foram fruto da cultura liberal da Áustria, que seria futuramente esmagada pelo nazismo. Em suas palavras

In this soil Franz Brentano's philosophy could grow roots, as could Bolzano's epistemology, Mach's empiricism, Husserl's phenomenology, and Breuer's and Freud's psychoanalysis. In Austria the air was free from the specter of Hegelian dialectics. There was no mood, in the sense of a national duty, to "overcome" the ideas of Western Europe. In Austria, eudaemonism, hedonism, and utilitarianism were not scorned; they were studied (MISES, 2013, p. 26).

Pequena, mas culturalmente densa, Viena impelia seus residentes a se interessarem pela ciência e pela arte (HÜLSMANN, 2007, p. 26). Estudantes da Universidade e ouvintes externos, tinham excelentes oportunidades de frequentar (inclusive de organizar, no caso do primeiro grupo) seminários e círculos de debate contemplando disciplinas do seu interesse. Literatura, filosofia, psicologia, arte e política são bons exemplos (CARVALHO, 2007, p.18). A integração desses estudantes com intelectuais das outras áreas do conhecimento é, para Craver, central na definição da vida intelectual da cidade, fazendo dela "*an unique and exciting place to be*" (CRAVER, 1986, p. 1).

A marginalização da Universidade, no entanto, também oferecia seus riscos. A carência de instituições formais por vezes tinha impactos negativos na legitimação do trabalho de alguns autores. Além disso, fragilizava os prospectos de crescimento profissional dos participantes de determinados círculos (DEKKER, 2014, p. 30). Uma consequência clara dessa conjuntura poderia ser verificada futuramente, nas dificuldades de realocação de cientistas por ocasião do agravamento da situação política do país e da escassa oferta de empregos.

Se não podiam (ou não queriam) se valer da estrutura da Universidade, os promotores dos encontros se deparavam com a necessidade de providenciar um lugar apropriado. Para suprir essa demanda, ainda que parcialmente, vinham a calhar os cafés da cidade (TIMMS, 2009). Esses estabelecimentos, por vezes associados à intensa atividade cultural e à vida urbana, também eram lugares próprios para o espetáculo, consumo e libertinagem. Assim, não se estranharia que servissem como palco para a gestação de novos ideais políticos e sociais (ASHBY; GRONBERG; SHAW-MILLER, 2013, p. 1). Segundo Dekker, "*for many Viennese these coffeehouses were much more than just a cafe, it was closer to a living room*" (2014, p. 39). Destaque-se que os melhores cafés de Viena disponibilizavam edições dos principais periódicos científicos, artísticos e literários (HÜLSMANN, 2007, p. 25).

A despeito das praticidades oferecidas pelas cafeterias multifuncionais que caracterizaram a Viena do início do século XX, também era comum que os *Kreise* se encontrassem em salões, escritórios e outros espaços privados, como suas próprias casas. Bem coloca Dekker (2014) que não se deve ignorar que muitos desses intelectuais tinham origens na nobreza e recursos pessoais abundantes. Ademais, alguns ocupavam cargos prestigiosos no setor público, e inclusive eram dotados da prerrogativa de indicar nomes para o preenchimento de certas vagas⁵ (DEKKER, 2014, p. 40).

2.2 OS SEMINÁRIOS E AUTORES DA ESCOLA AUSTRÍACA

Um dos primeiros da Escola Austríaca, o seminário oferecido por Böhm-Bawerk teve início na Universidade de Viena em 1905 (HÜLSMANN, 2007, p. 93). Segundo Mises "*[w]hen Böhm-Bawerk opened his seminar it was a great day in the history of the University and the development of economics*" (2013, p. 27).

O tema do primeiro encontro era uma problemática bastante cara à Escola Austríaca: os fundamentos da teoria do valor. E Böhm-Bawerk, um exímio crítico da teoria marxista, fora colocado frente a frente com o renomado marxista Otto Bauer. Foram confrontados o subjetivismo da teoria

⁴ Dekker (2014, p. 36) oferece um diagrama relacionando os principais círculos de economia, seus participantes e os graus de relação entre eles.

⁵ Mises, por exemplo, contratou Hayek como diretor do Instituto Austríaco de Pesquisas sobre o Ciclo Econômico. E este, por sua vez, contrataria Morgenstern como seu assistente (DEKKER, 2014, p. 40-41)

austriaca com a teoria do valor trabalho em debates que perduraram todo o semestre de inverno (MISES, 2013, p. 27).

Mises reconhece que Böhm-Bawerk não tinha por costume impor-se nos debates. Procurava agir como o presidente da sessão e interferir pontualmente nas discussões. As vantagens dessa metodologia, no entanto, confrontavam-se com certos efeitos colaterais. A liberdade de expressão concedida aos participantes não raro era alvo de excessos- particularmente, Mises alega, por Otto Neurath, cujas inserções lhe pareciam absurdas e fanaticamente sustentadas (MISES, 2013, p. 28).

Ebenstein (2003, p. 28) coloca que sua liderança e brilhantismo não apenas eclipsava, o colega Wieser (abordado a seguir), mas o próprio Menger, por se tratar de um habilidoso polemista e participar da condução da política econômica austriaca no posto de ministro de finanças. Seria responsável por treinar proeminentes figuras, tanto da academia, quanto do serviço público (como Mises, Schumpeter, Bauer, Hilferding e Neurath) (EBENSTEIN, 2003, p. 28).

O período a que Hayek atribui o ápice da fama da Escola Austríaca- a saber, a década anterior à Primeira Guerra Mundial- era o mesmo em que Friedrich von Wieser (1851-1926), cunhado de Böhm-Bawerk, ofertava próprio seminário na Universidade Viena (CRAVER, 1986, p. 2). Homem bastante esclarecido, Wieser não demonstrava interesse em debater seus posicionamentos com quem o desafiasse, uma característica incomum dos professores universitários da época. Além disso, era reconhecido pela lentidão nas leituras e nas respostas (HÜLSMANN, 2007, p. 151).

Segundo Hülsmann (2007), as características pouco usuais de Wieser eram por vezes entendidas como qualidades. Schumpeter, por exemplo, admirava-se com o baixo envolvimento do professor em polêmicas. Hayek, por outro lado, questionava o distanciamento entre o trabalho do professor e dos desdobramentos científicos mais recentes. Além disso, observava que o interesse exclusivo deste em refinar aspectos da sua própria teoria o impediam de analisar sistematicamente os trabalhos alheios. Seus admiradores diziam que seu estilo era bem menos tedioso que o de Böhm-Bawerk. Wieser sabia estruturar seus argumentos sem descer a um nível muito abstrato ou técnico. Além disso, tinha habilidade com as palavras e cunhou termos utilizados até hoje como “utilidade marginal” (HÜLSMANN, 2007, p. 152)⁶.

Um aspecto ainda mais importante da influência de Wieser na formação dos jovens estudantes da Escola Austríaca tem a ver com sua posição dentro da Universidade. Ocupando o cargo que Carl Menger ocupara, do ano da sua saída, 1903, até 1920, coube a ele ministrar a maioria das disciplinas introdutórias do curso. Após a morte de Böhm-Bawerk em 1914, o equilíbrio que existia entre os dois fora desfeito, e Wieser tornou-se “[an] unquestioned authority in all matters of general economic theory” (HÜLSMANN, 2007, p. 160).

Hülsmann coloca que, somadas as circunstâncias e as suas concepções particulares acerca da teoria econômica, Wieser redefiniria a temática da Escola Austríaca. Sob sua tutela, e a despeito da presença de Mises⁷, o projeto mengeriano foi preterido em prol de uma abordagem mais alinhada à síntese neoclássica. Como resultado dessa ação, pela primeira vez, uma geração inteira de economistas (a quarta) seria formada em um plano que, sem grandes conhecimentos sobre a obra de Menger, que já não era impressa havia décadas, pouco se acercava dos valores originalmente defendidos pela Escola Austríaca (HÜLSMANN, 2007, p. 161). Dentre os principais implicados por essa conjuntura estão nomes como Fritz Machlup, Gottfried Haberler, Oskar Morgenstern, Friedrich Hayek e Rosenstein-Rodan.

⁶ Mises era bem mais crítico, a despeito de reconhecer sua erudição. Em suas palavras, “[Wieser] enriched the thought in some respects, although he was no creative thinker and in general was more harmful than useful. He never really understood the gist of the idea of Subjectivism in the Austrian School of thought, which limitation caused him to make many unfortunate mistakes. His imputation theory is untenable. His ideas on value calculation justify the conclusion that he could not be called a member of the Austrian School, but rather was a member of the Lausanne School” (MISES, 2013, p. 24).

⁷ “Third-generation Ludwig von Mises’s personal and intellectual influence on these men was limited. He had virtually no impact on their basic training — admitting them to his private seminar only after they had obtained their doctoral degrees. And they probably did not see in him anything more than a reputed expert on monetary theory and a highly controversial political economist. Mises was known for his treatises on the theory of money and on socialism, but none of his students and few of his colleagues grasped the far-reaching implications of these works.” (HÜLSMANN, 2007, p. 161).

Como já aludido, o departamento de economia da Universidade de Viena, perderia gradativamente seu espaço para os seminários privados e institutos de pesquisa. Tal fato significava uma mudança institucional importante. A origem dessa crise podia ser relacionada ao afastamento de Menger (1902), mas de acordo com Craver (1986), se aprofundaria com a morte inesperada de Böhm-Bawerk (1914) e as aposentadorias de Philippovich (ainda antes da Guerra) e Wieser (1922). Para a surpresa de muitos alunos, em detrimento dos nomes mais em evidência, como Schumpeter e Mises, o preenchimento dessas cadeiras foi feito por profissionais tidos como menos qualificados: Carl Grünberg (posteriormente substituído por Degenfeld), Othmar Spann e Hans Mayer (CRAVER, 1986, p. 2). O fato de Mises ser judeu, liberal e ter “aversão a tolos” é mencionado como suficiente para a sua não efetivação na Universidade (BOETTKE; COYNE; NEWMAN, 2016, p. 16).

A nomeação de Mayer para a substituição de seu mentor, Wieser, ocorrida em 1923, parece ter sido especialmente problemática. Indicado pelo próprio Wieser e autor de elogiados textos na temática do tempo, não tardaria a decepcionar os colegas. Descreve Craver (1986) que logo após a investidura, Mayer simplesmente não parecia mais capaz de colocar suas ideias no papel. Relatos da época incluem artigos abandonados na metade e publicações recheadas de inconsistências e erros de sintaxe (CRAVER, 1986, p. 8).

Fiel defensor das posições de Wieser, relata Rosenstein-Rodan, Mayer insistia que a teoria austríaca era “*value free*”. Assim, não podia estar alinhada com os valores liberais defendidos em 1922 por Mises, no seu livro sobre o socialismo. Além disso, entendia que o problema da imputação, ao qual dedicou os seminários que ofereceu ao longo da década de 1920, era central à teoria econômica e que Wieser propunha a melhor abordagem para a questão (CRAVER, 1986, p. 11).

Ainda de acordo com Craver, Rosenstein-Rodan, Morgenstern e Gerschenkron eram assistentes de Mayer - motivo pelo qual tinham presença obrigatória em seus seminários oferecidos na Universidade. Além deles, também se faziam presentes nomes como Alexander Mahr, Leo Schönfeld-Illy e Ewald Schams. Não era raro que autores alemães interessados na temática também fossem convidados a participar. E assim fizeram Carl Landauer, Emil Lederer e Walter Vleugels (CRAVER, 1986, p. 11).

Segundo Craver (1986), Rosenstein-Rodan e Morgenstern eram provavelmente os maiores defensores das virtudes de Mayer. Ambos atribuem a ele, por exemplo, o mérito de oferecer ideias perspicazes com relação à problemática do papel do tempo na análise econômica. Por sua vez, Mayer também era grande entusiasta das ideias de Rodan, como aquelas sobre o que ficou conhecido como o modelo da teia de aranha (ou *cobweb*). Tal entusiasmo, no entanto, fatalmente esbarraria na pouca preocupação com a formalização matemática por parte da Escola Austríaca (CRAVER, 1986, p. 11).

Não era segredo que as formalizações matemáticas estavam fora do interesse de muitos economistas da Escola Austríaca. Inclusive, a literatura não negligencia o paradoxal interesse que Karl Menger (filho) tinha pela matemática, face ao desdém que seu pai tinha por esta (CARVALHO, 2007, p. 166). Mas, aparentemente, Mayer levava a questão a um nível mais extremo. Seu aluno Gerschenkron, relata (CRAVER, 1986) que a matemática em suas exposições era inexistente. Alunos eram obrigados a participar das suas palestras, dada sua importância na Universidade, mas não se podia aprender nada com elas, nem sobre a economia, nem sobre o que se pesquisava fora da cidade de Viena. Karl Menger acrescenta que, certa feita, fora desencorajado por Mayer da intenção de publicar um artigo que apresentara à Associação Nacional de Economia sob o argumento de que era muito matemático (CRAVER, 1986, p. 12).

Para Klausinger,

he propagated a sort of “naturalist” approach in pursuit of a psychological basis for value theory, taking as a point of departure the existence of needs that are satisfied according to definite scales of intensity. This view rested uneasy with the idea of a generalized notion of utility that might be used for weighing and comparing the benefits to the consumer from the satisfaction of different needs of different intensities. In his most refined contribution Mayer (1932) formulated this tension as the opposition between (his) “causal-genetic” and (his adversaries’) “functional theories” (KLAUSINGER, 2015, p. 275).

De todo modo, Mayer garantiria a oportunidade de docência a vários alunos. Dentre os beneficiários dessa prerrogativa se destacam Haberler, Morgenstern e Hayek. Machlup, Braun, Rosenstein-Rodan e outros alunos judeus não teriam a mesma chance (KLAUSINGER, 2015)⁸. Ainda segundo Klausinger (2015, p. 287), mesmo impedido de lecionar, Rosenstein-Rodan, assumiria (com Morgenstern) a editoria do *Zeitschrift für Nationalökonomie* em 1929. Na época o principal periódico germânico de economia (HAGEMANN, 2010).

Na mesma década de 1930, inclusive, Mayer já seria reconhecido como um fracasso - particularmente por questões pessoais. Seus alunos e colegas o descreveriam como uma figura neurótica, boêmia e estranha, além de bastante dada às intrigas e mentiras. Nos termos de Fritz Machlup: um “completo patife” (CRAVER, 1986, p. 12). Para piorar a situação, esses conceitos se somariam à repercussão da sua temerosa conduta quando da ocasião do *Anschluss*, em 1938. Segundo os relatos, semanas após a ocupação da Áustria pela Alemanha nazista, ele desfiliaria todos os judeus da Associação Nacional de Economia, da qual era presidente, em um ato que só poderia se explicar pela tentativa de manter seu cargo na Universidade após o decurso das iminentes mudanças políticas; HÜLSMANN, 2007, p. 729).

Ponto pacífico também era sua inveja. Esta, não apenas tinha como alvo as figuras de seu tempo, como Spann e Mises, mas também alcançou seus alunos Hayek, Haberler e Morgenstern, quando estes promoveram conjuntamente, entre 1930 e 1931, um seminário bastante popular. Até Rosenstein-Rodan, seu assistente e um de seus maiores admiradores, reconheceria que o ódio de Mayer por Spann atingia dimensões grotescas, flertando com a infantilidade e materializando-se em pequenas agressões físicas e ataques morais em sua ausência (CRAVER, 1986, p. 13).

Em algum momento os alunos chegaram à conclusão de que nenhum dos professores sêniores da Universidade estava apto a lhes oferecer a orientação adequada para o desempenho satisfatório da pesquisa acadêmica. Para a sua sorte, estavam na cidade de Viena, e aquele problema poderia ser facilmente resolvido. Os cafés da cidade os aguardavam, oferecendo não apenas as comodidades de uma sala-de-estar, mas também o acesso a uma rede intrincada de instituições informais que, devidamente articuladas, lhes viabilizaria o acesso a um grande mercado de ideias e espaços para o debate construtivo (CRAVER, 1986, p. 13).

Por fim, dentre os círculos de debate mais importantes da época para as ciências econômicas, estava o coordenado por Ludwig von Mises (DEKKER, 2014, p. 35; CRAVER, 1986, p. 14). Iniciado em 1920, entre outubro e junho, um número de jovens se juntava em torno do professor semanalmente em seu escritório na Câmara de Comércio Austríaca, que comportava até vinte e cinco pessoas. Segundo Mises, os seminários privados que ofertava não tinham conexão direta, nem com a Universidade, nem com a Câmara. As atividades simplesmente eram realizadas naquele espaço, no qual ingressavam os alunos, e do qual os artigos saíam para a publicação (MISES, 2013, p. 67).

Ainda que um tema importante, a teoria econômica pura não abarcava todos os esforços ou interesses de pesquisa do grupo. Também eram tratadas temáticas como. Max Weber e a sociologia interpretativa (“*Verstehende Soziologie*”, no original), filosofia da ciência e metodologia também eram realizadas. Esta última inclusive era campo de destaque de Felix Kaufmann - integrante do *Wiener Kreise* (CRAVER, 1986, p. 14). No seminário privado de Mises é que seria desenvolvida a maior parte da crítica austríaca ao planejamento centralizado da economia, no que seria conhecido como o debate do cálculo socialista. Também seriam refinadas as ideias da teoria dos ciclos de negócios e das teorias sem torno do capital e da moeda. E, face à negligência da Universidade, também seria um dos últimos redutos no continente a discutir a análise marginalista (DEKKER, 2014, p. 35).

Considerando que Mises não tinha maiores ambições sobre uma cadeira de docente sênior na Universidade de Viena, pois a vaga, não sem estranhamentos, já fora oferecida ao menos prolífico Hans Mayer, restou-lhe focar seus esforços no seminário privado e oferecer aulas sem remuneração na Universidade (HÜLSMANN, 2007, p. 468). Faria isso até 1934, quando partiu para a Suíça. Consonante

⁸ Segundo Klausinger (2015, p. 283) “*Franz X. Weiss, whose application had still been supported by Wieser (...) in 1925 had become the last Jewish scientist to obtain a lectureship from the faculty*”.

com a tradição dos *Kreise* vienenses, seu seminário também serviria para estreitar os vínculos entre alunos e professor, ao mesmo tempo que os punha em contato com uma rede maior de acadêmicos - inclusive aqueles que estavam em Viena só de passagem (MISES, 2013, p. 67).

A popularidade do seu seminário seria, conforme o próprio reconhece, alvo da inveja de Mayer e de seu colega Spann. Corroborados pelos relatos dos alunos, o docente menciona casos de discriminação, na Universidade, contra frequentadores de seus seminários - motivo pelo qual não fazia questão de registrar todos os presentes. Em alguns casos, estes eram proibidos de acessar a biblioteca caso não se registrassem nos seminários de pelo menos um professor da universidade (MISES, 2013, p. 65). Isso não impediu, no entanto, que alunos como Hayek, Morgenstern, Haberler, Machlup, Karl Menger e Rosenstein-Rodan o frequentassem sem maiores problemas (DEKKER, 2014, p. 35).

Como os seminários eram realizados seguindo um modelo de questionamento socrático, nem sempre era possível aos alunos identificar ou atribuir ao professor algum tipo de característica ou inclinação política - como liberal, por exemplo. Embora isso não significasse um impedimento para manifestar suas ideias e posicionamentos com relação aos temas tratados, significava que não os impunha nas discussões (CRAVER, 1986). No seu conceito, os participantes dos debates se ajudavam muito mais pelas contradições do que pelas convergências, justamente porque estavam todos em sinergia com o propósito de desenvolver as ciências da ação humana (MISES, 2013, p. 67).

Na verdade, além de convidar seus alunos mais brilhantes da Universidade para participar dos seminários privados, era comum que Mises oferecesse espaço para profissionais e pesquisadores das outras áreas. Além de Kaufmann e seu colega filósofo Alfred Schutz, participaram os cientistas sociais Walter Fröhlich e Eric Voegelin, o advogado Emanuel Winternitz, o banqueiro Karl Schlesinger e alguns visitantes, como Howard Ellis, Albert Gaylord Hart, Lionel Robbins, Ragnar Nurkse, Alfred Stonier, Hugh Gaitskell e John van Sickle dentre outros. Algumas alunas expoentes na área da economia a receber convites foram Helene Lieser, Martha Stephanie Braun, Marianna Herzfeld e Ilse Mintz (CRAVER, 1986, p. 15).

As já aludidas sobreposições que caracterizavam os círculos de debate vienenses⁹ também eram visíveis no seminário de Mises. Uma grande afinidade se observava entre este e o Círculo da Mente (*Geistkreis*, no original) promovido por Friedrich Hayek e Herbert Führt. Com uma agenda mais cultural do que científica, tratava de ícones da literatura, história da arte e da música, filosofia histórica e política, dentre outros. A plateia, que, diferente do *Miseskreis* não aceitava a participação de mulheres, contava com presença de alguns economistas, como Machlup, Morgenstern e Haberler (CRAVER, 1986, p. 17).

É no mínimo sensata, à luz do exposto, a constatação de que a vida acadêmica em Viena se distinguia das suas contrapartes europeias e americanas. A singular estrutura do meio acadêmico e cultural local, informal e descentralizado, foi instrumental para a produção e disseminação dos conhecimentos que integrariam a formação dos alunos. Não apenas porque lhes influenciou a forma e o conteúdo, que de outra forma poderiam demasiado restritos à ciência econômica e ao espaço geográfico imediato, mas também porque lhes permitiu o distanciamento de estruturas hierárquicas e formais que nem sempre trabalhavam em seu benefício.

3 ROSENSTEIN-RODAN EM VIENA

Antes de se tornar um dos pioneiros da disciplina de economia do desenvolvimento, que só nasceria no cenário do pós-guerra, Rosenstein-Rodan daria seus primeiros passos em matéria de publicação acadêmica ao discorrer sobre a utilidade marginal de uma perspectiva “altamente teórica” (ALACEVICH, 2020, p.2). Conforme Hosseini

During his early years, he had no interest in economic policy, and did not work in applied economics. His writing career began in Vienna during the 1920s when he wrote as a pure theorist, working on marginal utility theory, the role of time in economic theory, and monetary theory. He was also interested in the history of economic thought (1999, p. 119).

Em uma carta ao amigo (e então consultor econômico da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD)) Dragoslav Avramovic, transcrita por esse último na ocasião

⁹ Didaticamente ilustradas por Timms (2009).

da publicação de *Pioneers of Development* por Meier e Seers (1984, p. 223), Rosenstein-Rodan tece algumas considerações interessantes. Diz que, na Viena dos anos 1920, seu interesse compreendia as temáticas ligadas à teoria da escolha, à teoria da utilidade e às “variedades austríacas”¹⁰. Assim como Menger, Böhm-Bawerk, Mayer e outros precursores seus, entendia a economia aplicada como uma área sem maiores valores.

Sua concepção mudaria a partir de 1929, já na Itália, e posteriormente em Londres. Nesses países, seu interesse se enviesaria na direção da aplicação da ciência econômica na esfera das políticas públicas. Sobre o período que antecedeu essa guinada de interesses, o autor escreve

In the Vienna days I published the main article on marginal utility in 1927 (an Italian translation in 1930 and a translation of a part of it by Stolper in English), but it is not worth referring to; these are past days. The same applies to one article on complementarity in Italian, which is quoted by J. R. Hicks as having stimulated him in his theory, but is also antediluvian. More important is an early version in 1929, No. 1 of *Zeitschrift für Nationalökonomie* on "The Role of Time in Economic Theory", which had its second and considerably modified appearance in *Economica* in 1934. That one influenced somewhat my interest in development theory later on (MEIER; SEERS, 1984, p. 223).

A presente seção, além de tecer considerações sobre os interesses que guiaram seu trabalho no período, trata das produções textuais pelas quais foi creditado. Além disso, são observadas algumas repercussões que suas ideias teriam nos desenvolvimentos teóricos que realizaria depois de 1943, já na disciplina de desenvolvimento econômico.

3.1 OS TRABALHOS DE ROSENSTEIN-RODAN

Seu primeiro trabalho, publicado em 1927 no *Handwörterbuch der Staatswissenschaften*, teve por título *Grenznutzen*, ou “Utilidade Marginal”. Preocupado com temáticas atemporais, pouco se relacionava com o planejamento econômico e com os trabalhos que desenvolveria anos mais tarde (CHAKRAVARTY, 1983, p. 73). Foi traduzido para o inglês nos anos 60 por Wolfgang Stolper. No entanto, antes disso já havia sido traduzido para o japonês (1930) e para o italiano (1937) (HOSSEINI, 1999, p. 119). Nas palavras de Schumpeter, constituía “uma pesquisa compacta e brilhante dos argumentos e contra-argumentos relativos à teoria da utilidade da escola austríaca” (SCHUMPETER, 1954, p. 1056, tradução nossa). Para Blaug, o texto provê uma noção extraordinária sobre a doutrina utilitarista na época da Primeira Guerra, “proliferando-se em distinções sutis e classificações metafísicas” (BLAUG, 1985, p. 368, tradução nossa).

Ainda que relevante, o trabalho de Rosenstein tratava de um tema polêmico. O desdém que os historicistas tinham pela utilidade marginal é explicado pela associação que estes insistiam em fazer desta com o hedonismo (SCHUMPETER, 1954, p. 1056). Blaug (1985, p. 302) também alude ao argumento de que a teoria marginalista seria uma resposta burguesa à teoria marxista. Nesse ponto, contra argumenta que, não apenas Jevons escreveria seu primeiro texto antes da publicação de *O Capital* (1862 e 1867, respectivamente), como também Böhm-Bawerk, Wieser e outros autores utilizariam novos argumentos teóricos para desqualificar a doutrina marxista quando entraram em contato com a obra, anos mais tarde.

Sobre a problemática relação entre a teoria utilitarista e a filosofia utilitarista Schumpeter descarta a necessidade lógica de uma associação entre a teoria da utilidade marginal e o utilitarismo. A responsabilidade por tal confusão, na visão do autor, é atribuível a uma “aliança histórica” (SCHUMPETER, 1954, p. 1056) entre filosofia utilitarista e teoria da utilidade, além de seus principais expoentes, por serem utilitaristas convictos. Como se vê

Gossen was, and Jevons, and Edgeworth. They, and others too, had used language that was apt to **create the impression** that marginal utility theory depended upon utilitarian or hedonist premises [...] and could be attacked successfully by attacking these. Jevons was the chief culprit: he even went so far as to call economic theory a "calculus of pleasure and pain" [...] and elicited from Marshall the rebuke that he was mixing up economics with "hedonics" (SCHUMPETER, 1954, p. 1056, grifo nosso).

¹⁰ Hageman (2010) destaca sete campos de conhecimento para os quais a Escola Austríaca contribui no período entre-guerras: teoria monetária, teoria dos ciclos de negócios, o debate do cálculo econômico socialista, a teoria do capital (e o papel do tempo na ciência econômica) e, curiosamente, teoria dos jogos e teoria do equilíbrio geral.

À parte as dificuldades de aceitação, não se discute que o texto de Rosenstein-Rodan lidava com uma teoria fundamental para a Escola Austríaca. Principalmente por conta da maior aproximação com a problemática do cálculo econômico. Este último, como bem coloca Leen (1992, p. 1), era negligenciado pelos pioneiros suíços e ingleses do marginalismo - cujas teorias eram caracterizadas pelo molde matemático-, e encontraria em Viena pesquisadores mais interessados em estudá-lo.

Considerando que o *Handwörterbuch* consistia uma espécie de dicionário em ciência política, o conciso artigo de Rosenstein-Rodan se limitava à sistematização das condições necessárias para viabilizar a referida abreviação no cálculo econômico. Segundo o autor, boa parte das necessidades individuais é constante no tempo. O equilíbrio inicial é originalmente alcançado por tentativa e erro. E, uma vez em equilíbrio, as utilidades marginais proporcionadas pelos bens servem como referencial (ou atalho) para que diferentes tipos de consumo sejam comparados com base em seu impacto incremental, de modo que o cálculo econômico possa ocorrer eficientemente no mundo real (LEEN, 1992, p. 3).

Por esse conceito, a função central da utilidade marginal seria abreviar o cálculo econômico. A análise dos efeitos adicionais de determinado consumo, dispensaria uma revisão completa do plano econômico na ocasião de uma mudança. Esse conceito é consistente com a ideia de Böhm-Bawerk, que argumentava os cálculos econômicos são realizados pelos indivíduos com grande facilidade (LEEN, 1992, p. 2-4).

Sua publicação seguinte viria no ano de 1929. Teria por título “*Das Zeitmoment in der Mathematischen Theorie des Wirtschaftlichen Gleichgewichtes*”, (ou “O momento no tempo na teoria matemática do equilíbrio econômico”) no *Zeitschrift für Nationalökonomie*. No texto, o autor aborda o problema do ajustamento retardatário ao equilíbrio, e as oscilações de preço que provocava em certos mercados. Esta discussão, também conduzida por autores como Arthur Hanau, Henry Schultz, Jan Tinbergen, e Umberto Ricci, culminaria na teoria que, futuramente, seria nomeada por Nicholas Kaldor como “teoria de *cobweb*” (MUDAHAR, 1973, p. 31; CHAKRAVARTY, 1983, p. 74).

Designada primeiramente para explicar o comportamento cíclico, a teoria é baseada na suposição de que a demanda de um determinado período determina o preço ao longo deste, e este preço, por sua vez, determinará a oferta do período seguinte. Por consequência desse descompasso, se estabeleceria uma defasagem de preço do lado da demanda. E, por conseguinte, haveria uma limitação à capacidade de previsão dos preços futuros por parte dos ofertantes (MUDAHAR, 1973, p. 32).

A temática da defasagem de ajuste, bem como das oscilações não convergentes ao equilíbrio por ela geradas, não estaria conscrita à esfera de interesse de Rosenstein-Rodan. Como coloca Chakravarty (1983, p. 74), o teorema de *cobweb* ainda figuraria em textos de Wassily Leontief (1934), Paul Samuelson e Lange, além de Arrow e Horwicz. O mesmo autor também chama a atenção para a importância da temática do tempo como elo de ligação entre as obras de Rodan na juventude e as que produziria na maturidade.

Em 1933, Rosenstein-Rodan publicou o artigo “*La Complementarietà: Prima delle tre tappe del progresso della teoria economica pura*”, na revista *La Riforma Sociale*. Em sua primeira publicação em italiano, o autor discorre sobre a complementariedade das utilidades, matéria um tanto negligenciada pelas primeiras análises marginalistas. A principal implicação desta seria a modificação do plano econômico do agente-que passaria a atingir o equilíbrio de tempo em tempo. Esta obra é reconhecida por John Hicks como uma influência positiva em sua própria teoria da complementariedade (HOSSEINI, 1999, p. 119).

Em 1934, Rosenstein-Rodan continuaria desenvolvendo suas ideias sobre tempo e equilíbrio (ALACEVICH, 2020). Ainda sob influência do debate entre Simon Kuznets e Ralph W. Souter no *Quarterly Journal of Economics* “the relation of business-cycle theory with economic theory” (ALACEVICH, 2020, p. 5), o autor publicou *The Role of Time in Economic Theory*, na *Economica*. Este também contaria com uma versão em italiano no *La Riforma Sociale*. No texto, o autor contempla a possibilidade de que as reações provocadas pelas interações entre as forças da demanda, do preço e da oferta não necessariamente levem a um equilíbrio, dado que teriam que realizar seus efeitos instantânea e simultaneamente (ROSENSTEIN-RODAN, 1934, p. 90).

No seu entendimento, o foco do estudo nas análises do equilíbrio de longo prazo deveria ser o caminho percorrido até a posição final, e não apenas ela própria. O estudo da trajetória rumo ao

equilíbrio, nesse sentido, implicaria o reconhecimento da importância do tempo na viabilização desses ajustes. Para ilustrar seu argumento, o autor compara a economia e o equilíbrio a um predador e uma presa, respectivamente. Nesse contexto, o predador (economia) precisaria reajustar sua rota para cada movimento feito pela presa (equilíbrio) (SILVA, 2005, p. 8).

No texto *A Coordination of the Theories of Money and Price*, publicado na *Economica* em 1936, o autor trata da separação entre as abordagens monetária e não monetária dentro da ciência econômica. Legado da escola clássica, a prática vinha sendo gradativamente marginalizada à época, o que lhe motivou a escrever um texto para delinear o processo pelo qual isso acontecia. Além disso, o trabalho também objetivava demonstrar a forma como um sistema coeso era capaz de conciliar as teorias do preço e da moeda na literatura econômica (ROSENSTEIN-RODAN, 1936, p. 257).

3.2 CONCEITOS DESENVOLVIDOS NAS OBRAS DE ROSENSTEIN-RODAN

Consistentes com o que se discutia na Escola Austríaca do entre guerras, os textos de Rosenstein-Rodan também se centravam na teoria econômica pura, papel do tempo, moeda, preços e utilidade marginal. Isso não significa, contudo, que estariam desconectados dos seus trabalhos futuros na disciplina de desenvolvimento econômico. Em uma reveladora troca de cartas, publicada em 1984 (MEIER; SEERS, 1984, p. 223), o autor reconheceria a importância que alguns conceitos discutidos em Viena teriam para o andamento de seus trabalhos em Londres e nos EUA. A essa discussão nos atemos brevemente aqui.

Dragoslav Avramovic relata, em comentário feito em 1984, ter pressionado o professor Rodan a lhe esclarecer uma suspeita. Esta diria respeito à possibilidade de que alguns dos desenvolvimentos teóricos fundamentais para a sustentação do argumento que apresentaria em seu famoso artigo de 1943 já estivessem dentro dos seus interesses de pesquisa há muitos anos. Isto seria dizer, em seus “dias em Viena”, e em meio à Escola Austríaca (MEIER; SEERS, 1984, p. 223).

Como resposta, Rosenstein-Rodan lhe confirmaria que, de fato, os primeiros trabalhos de microeconomia tinham relevância para teóricos do desenvolvimento econômico. Particularmente por conta da grande preocupação da Escola Austríaca com o caminho na direção do equilíbrio. Em oposição a uma preocupação restrita às condições de estabilidade necessárias para que determinado ponto possa ser considerado um ponto de equilíbrio (MEIER; SEERS, 1984, p. 223).

O que fundamentava a referida suspeita, segundo Avramovic, eram três pontos que, facilmente identificáveis no artigo de 1943, poderiam, sob um olhar mais atento, ser também discernidos no pequeno texto de 1927. Estes seriam a complementaridade; a estrutura hierárquica dos desejos; e a escolha de um período econômico em que recursos escassos são alocados (MEIER; SEERS, 1984, p. 223).

Respaldo para essa colocação é encontrado nas palavras de Rosenstein-Rodan, no artigo “*Natura Facit Saltum*”. Nele, o autor reconhece que seu interesse na análise do desenvolvimento teria raízes no momento em que se interessou pelos temas da complementaridade, da estrutura hierárquica dos desejos e do papel do tempo na economia. Ainda

[t]he dynamics of wants and their interrelatedness were much more important to me than the neoclassical attempt at precise characterization of the properties of the utility function. Consumption complementarities, the role of time, the pursuit curve (the dynamic path toward equilibrium), plus external economies—all these dynamic factors were not to be considered as a second order of smalls, but even more as pervasive in a less developed country (MEIER; SEERS, 1984, p. 223).

Uma consideração parecida seria feita por Alacevich (2020, p. 5), particularmente a respeito dos trabalhos de 1933 e 1934. Para o autor, é apropriada a colocação de que estes seriam importantes intermediários no seu percurso da escola austríaca para a economia do desenvolvimento. Isto porque, mesmo que os dois artigos se centrem na utilidade e no equilíbrio, o fazem sem perder de vista o ajustamento e as dinâmicas próprias do comportamento individual. Assim, são prefigurados alguns aspectos importantes de uma análise de coordenação econômica que mais tarde ditariam a tônica dos seus principais textos em matéria de desenvolvimento econômico.

4 EMIGRAÇÃO

Desde meados do século XIX, com a revisão de políticas restritivas à migração e à capacidade civil de algumas minorias, Viena tornou-se uma cidade em que judeus do leste europeu puderam encontrar um terreno fértil para fincar suas raízes (ROZENBLIT, 1984, cap. 2; HÜLSMANN, 2007, cap.

2). A cidade era símbolo não só da sua adesão à cultura alemã, mas também de sua capacidade de engajamento em atividades ligadas à vanguarda cultural (ROZENBLIT, 1984, p. 1). Segundo Ebenstein (2003, p. 27), “Vienna’s beauty and musical vitality made it a great place to live”, o que ainda se somava às suas recém conquistadas liberdades de expressão e docência.

Ainda que outras grandes metrópoles europeias também tivessem uma relação parecida com jovens oriundos das províncias, a cidade no Danúbio contava com “the motivation of the Jewish upstart who for the first time ever had the opportunity to integrate himself into a cosmopolitan society” (HÜLSMANN, 2007, p. 28) por intermédio de atividades como o comércio, a imprensa, literatura, teatro, música e as ciências. Com melhor acesso a escolas e outras infraestruturas, essas famílias constituiriam a essência de uma nova sociedade, muito mais progressista e liberal do que aquela que deixaram para trás em seus vilarejos conservadores (HÜLSMANN, 2007, p. 28-30).

Com o advento da Guerra, já no século XX, essa realidade mudaria. A decadência dos Habsburgo significaria para a cidade a perda do posto de capital imperial. E, a partir daí, passaria a comandar uma pequena república empobrecida e marcada por problemas como fome, doenças (houve um surto de tuberculose na cidade à época), inflação e tensões crescentes entre a população rural e a urbana (LEONARD, 1998, p. 6). A lamentável conjuntura e seus agravamentos posteriores surtiriam efeitos sobre a comunidade acadêmica e a produção científica como um todo. Longe de se limitar às ciências econômicas, ou à Universidade de Viena, daria início a um processo intenso de emigração que atingiria cientistas e intelectuais. O principal objetivo desta seção é discutir brevemente o assunto e tratar da experiência de Rosenstein-Rodan dentro deste contexto.

4.1 A DETERIORAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE VIDA DOS JUDEUS EM VIENA

No final do século XIX, movimentos por vezes violentos tomavam corpo à medida em que se intensificavam os sentimentos racistas, nacionalistas e classistas no seio da sociedade austríaca (ROZENBLIT, 1984, p. 1). Retórica antissemita era direcionada a líderes do movimento socialdemocrata ao passo que gangues nazistas atacavam comércios e clubes judeus (LEONARD, 1998, p. 17). Transbordamentos dessa ideologia seriam vistos inclusive na prática da medicina: as teorias vienenses no campo da eugenia facilmente renderiam um capítulo à parte no plano geral dos desenvolvimentos científicos da época. Sem maiores percalços, desvios grosseiros de interpretação dos valores da família e da moralidade encontrariam ouvidos simpáticos, particularmente na Igreja Católica (WEINDLING, 2009). Não à toa, seria esse o lugar em que um jovem Adolf Hitler adquiriria algumas de suas mais reconhecidas concepções políticas.

Nem bem a Primeira Guerra iniciara, e os judeus do Império Austro-húngaro já sofriam as suas consequências. O ataque russo à Galícia¹¹, em 1914, levou milhares destes a buscarem refúgio em Viena, colaborando em muito para a deterioração do clima de receptividade que antes vigorava na cidade. Muitos praticariam a mendicância e outras atividades degradantes. Rozenblit aponta que, forçada à fuga, essa nova leva de imigrantes teria muito pouco a ver com aquela que, cheia de ambições, se instalara na cidade ao longo das décadas anteriores (1984, p. 11). Particularmente por se tratar de uma comunidade mais conservadora, religiosa e consciente de sua identidade (p. 44).

Na academia, provavelmente nenhum outro caso seria tão representativo da ascensão do antissemitismo e sua crescente aceitação pela sociedade quanto o emblemático assassinato de Moritz Schlick por Hans Nelböck em 22 de junho de 1936. Com um histórico de doenças mentais e prévios assédios morais ao professor, na manhã daquele dia, em uma escadaria da universidade, o ex-aluno de 33 anos sacou um revólver do bolso e efetuou quatro disparos na direção de Schlick, matando-o no ato (MADERTHANER; SILVERMAN, 2009, p. 59). Seu julgamento se daria quase um ano depois. E ainda mais chocantes do que o crime seriam seus argumentos de defesa.

De acordo com Nelböck, a rejeição de Schlick à metafísica e sua crítica ao conhecimento transcendental entravam em conflito com seu “embasamento moral e coerência existencial”. Além disso,

¹¹ Região em torno da moderna cidade ucraniana de Lviv. Ocupava territórios que hoje pertencem à Polônia e à Ucrânia. À época dos acontecimentos, fazia parte do Império Austro-húngaro sob o nome de Reino de Galícia e Lodomeria (*Königreich Galizien und Lodomerien*). Além do nome, não tem maior relação com a comunidade autônoma da Espanha.

o réu aludia a uma suposta rivalidade estabelecida entre os dois por conta dos seus sentimentos com relação a Sylvia Borowicka, uma aluna do *Kreis*. Em uma atitude provavelmente oportunista, dois anos mais tarde, Nelböck pediria um indulto sob o argumento de que matara o professor por acreditar que era judeu (MADERTHANER; SILVERMAN, 2009, p. 59).

Em meio ao furor do *Anschluss*, não apenas o pedido seria julgado procedente, e o réu liberado oito anos antes do prazo da pena, como seu caso também seria utilizado pelos nazistas para ajudar a cristalizar na sociedade as visões antissemitas que lhes interessava disseminar. Um aspecto interessante da história é que professor não era judeu, e sim protestante, como a maioria dos alemães da época. No entanto, isso parece não ter feito muita diferença para a opinião pública naquele momento.

4.2 A EMIGRAÇÃO DOS ECONOMISTAS AUSTRIACOS

Ainda que pesquisadores da Escola Austríaca, no geral, não tenham tido destinos parecidos com o de Moritz Schlick, sua trajetória emigratória não estaria livre de tragédias. Inauguradas na Alemanha em 1933, com a aquisição de poderes ditatoriais por Hitler, as práticas de expulsão e perseguição de cientistas por motivos políticos e étnicos chegariam na Áustria junto com o *Anschluss*, em 1938. Não apenas causariam prejuízos aos próprios indivíduos, mas também embaraçariam o avanço científico em várias áreas, como economia e física (HAGEMANN, 2010).

Atingido em cheio, o setor de economia da Universidade de Viena presenciaria a demissão (e, por vezes, o encarceramento) de importantes nomes ligados ao círculo de Spann (incluindo o próprio) e ao Estado Corporativo Austríaco¹². Também seriam obstruídas as ofertas de disciplinas por Hayek, Morgenstern e alguns outros ex-alunos do curso. E, a essa situação crítica, somavam-se os já mencionados comportamentos “adaptativos” de Hans Mayer (alinhado *Verwandlungskünstler*, ou artista de mudança rápida, pelos nazistas), que certamente beneficiaram mais a si próprio do que aos demais (KLAUSINGER, 2015, p. 292-293).

Frente às crescentes dificuldades impostas ao estudo, à pesquisa e à atuação profissional, muitos entenderam que era o momento de ir embora. Durante as décadas de 1930 e 1940, a corrente observou uma fuga intensa dos seus autores em direção às comunidades científicas dos países de língua inglesa (BOETTKE; COYNE; NEWMAN, 2016, p. 2).

Na verdade, os principais acadêmicos da Escola Austríaca saíam antes de a situação atingir o extremo. Hayek, por exemplo, migrara em 1931 para Londres, para lecionar na LSE. Mises fora para Genebra em 1933, e posteriormente, em 1940, para Nova Iorque. As emigrações antecipadas dos autores mais renomados eram, em parte, positivas. Particularmente porque, uma vez instalados nas universidades estrangeiras, podiam intermediar a contratação dos colegas com menor reconhecimento internacional (DEKKER, 2014, p. 46). Além disso, esses mesmos pesquisadores também teriam papel crucial na internacionalização (pela tradução e difusão em seus próprios ambientes universitários) das obras publicadas por seus conterrâneos em língua alemã (BOETTKE; COYNE; NEWMAN, 2016, p. 19).

4.3 A EMIGRAÇÃO DE ROSENSTEIN-RODAN

Uma vez estabelecido que, tanto judeus quanto acadêmicos, estavam frente a prospectos bastante negativos, Rosenstein-Rodan, e demais membros de ambos grupos, se via em uma posição ainda mais precária. Como já dito, antes de uma consolidação do poder nazista sobre a Áustria ocorrer em 1938, movimentos políticos antissemitas clamavam pela expulsão dos judeus da cidade desde antes da chegada dos refugiados da Galícia, em 1914. Em 1920, já se falava na remoção de todos os funcionários judeus do serviço público austríaco. E, nos anos seguintes, seriam propostos limites ao número de alunos e professores judeus nos educandários (CRAVER, 1986, p. 23).

Como posteriormente diria Karl Popper,

¹² O Estado Corporativo (*Ständestaat*), ou o Estado Federal da Áustria (*Bundesstaat Österreich*), durou de 1934 a 1938. Tratava-se de um regime liderado por um único partido (*Vaterländische Front*) que pregava o nacionalismo austríaco e a proteção de sua cultura católica frente à dominação pela Alemanha protestante. Diferenças religiosas à parte, vale lembrar que o intercâmbio cultural entre esses países era intenso. Por exemplo: Clemens Metternich, premiê conservador da Áustria, era alemão, enquanto que Hitler, líder político na Alemanha, era austríaco (EBENSTEIN, 2003, p. 16).

there were frequent anti-Semitic riots at the University, and constant protests against the excessive number of Jews among the professors. It became impossible for anybody of Jewish origin to become a University teacher (CRAVER, 1986, p. 23).

Diferente de Mises, no entanto, muitos de seus colegas e conhecidos não emigraram na hora certa. A razão para isso, segundo Rodan, era que alguns intelectuais vienenses encaravam os eventos com certo distanciamento. Outros estavam “seduzidos pela beleza crepuscular de um mundo que sabiam estar perdido” (CRAVER, 1986, p. 25, tradução nossa). Ainda mais inexplicavelmente, algumas pessoas acreditavam que o fascismo seria passageiro.

De todo modo, em 1930, Rosenstein-Rodan partiria para a Itália. Lá, conheceria Luigi Einaudi, um economista liberal que atuava como correspondente no país para a fundação Rockefeller (ALACEVICH, 2020, p.4). A fundação, por sua vez, era uma organização privada de filantropia fundada em 1913 pelo magnata americano do petróleo John D. Rockefeller. Uma de suas atividades era financiar os trabalhos (e, não raro, as relocações) de pesquisadores como Rodan.

Posteriormente, em 1948, Luigi seria eleito o segundo presidente da República Italiana, instituída em 1946. Antes disso, acompanharia Rosenstein-Rodan que, provido do financiamento da Rockefeller, conheceria vários economistas importantes, cujos contatos lhe serviriam anos mais tarde nas tratativas dos empréstimos do Banco Mundial à Itália. Ainda na década de 1930, Einaudi lhe providenciaria uma nova bolsa Rockefeller para financiar seus trabalhos na cidade de Londres. Lá, além de ampliar sua rede de contatos e inteirar-se dos avanços científicos mais recentes, poderia disseminar trabalhos produzidos na Itália enquanto estreitava seu convívio com Hayek, Lionel Robbins, Nicholas Kaldor, John Hicks e Piero Saffa (ALACEVICH, 2020, p. 4-5).

Enquanto a situação na Europa continental se agravava, com a ascensão de Hitler ao poder em 1933, sua carreira progredia em Londres. Vislumbrava um possível cargo no University College London enquanto realizava algumas colaborações com a revista *La Riforma Sociale*, de Einaudi, e outros projetos de pesquisa na história do pensamento econômico e no papel do tempo na ciência econômica. Em 1941, a Chatham House, importante *think tank* londrino de relações internacionais, ofereceria a Rodan o cargo de Secretário do Grupo Econômico da instituição (ALACEVICH, 2020, p.8). Lá, colaboraria com as pesquisas em relações internacionais destinadas a auxiliar o governo britânico na cada vez mais difícil tarefa de manter a paz no continente europeu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho dedicou-se à reconstrução da trajetória de Paul Narciz Rosenstein-Rodan desde o início de sua carreira como economista, na Faculdade de Direito da Universidade de Viena até a sua chegada à cidade de Londres. Abordando alguns dos principais aspectos da vida acadêmica na cidade à época, buscou-se caracterizar o ambiente de pesquisa e aprendizado com o qual o autor conviveu por cerca de dez anos, seus principais seminários, professores e temáticas. Tratou-se também dos trabalhos que produziu durante essa primeira fase em sua carreira, e de alguns desenvolvimentos teóricos com os quais colaborou. Por fim, versou-se sobre a decadência da atividade científica da cidade e a emigração de seus acadêmicos em meio à inquietante ascensão do nazismo.

Com uma trajetória parecida com a de seus colegas, Rosenstein-Rodan formou-se em meio a um ambiente acadêmico descentralizado e relativamente informal, teve contato com algumas das principais mentes da corrente austríaca de pensamento econômico e testemunhou alguns de seus principais êxitos. Por outro lado, também sofreu com o acirramento das tensões étnicas e políticas, testemunhou algumas das principais rivalidades e constrangimentos na Universidade de Viena, e presenciou alguns dos desdobramentos dos conflitos em solo europeu.

À exceção de sua posição ligeiramente privilegiada, como assistente de Hans Mayer, e da sua origem judia, há pouco que possa ser citado como um diferencial próprio naquele período. É válido considerar que sua emigração antecipada provavelmente lhe poupou de alguns prejuízos. Além disso, o suporte da fundação Rockefeller provavelmente não se estendeu a todos os seus colegas. No entanto, é pacífico na literatura o entendimento de que seus principais trabalhos ainda estavam por vir, e diriam respeito à disciplina da economia do desenvolvimento- ainda que, em pontos fundamentais, se valessem de conceitos e visões que já ocupavam seus pensamentos desde os primeiros anos em Viena.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALACEVICH, Michele. Paul Rosenstein-Rodan and the Birth of Development Economics. **Center for the History of Political Economy at Duke University Working Paper Series**, 2020.
- ASHBY, Charlotte; GRONBERG, Tag; SHAW-MILLER, Simon (Ed.). **The Viennese cafe and fin-de-siecle culture**. New York: Berghahn Books, 2013.
- BALDWIN, Robert E. Gottfried Haberler's contributions to international trade theory and policy. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 97, n. 1, p. 141-148, 1982.
- BLAUG, Mark. **Economic theory in retrospect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BOETTKE, Peter J. et al. The history of a tradition: Austrian economics from 1871 to 2016. **Research in the History of Economic Thought and Methodology**, v. 34, p. 199-243, 2016.
- CALDWELL, Bruce. **Beyond Positivism: Economic Methodology in the Twentieth Century**. Londres: Routledge 1994.
- CALDWELL, Bruce. **Hayek's challenge: An intellectual biography of FA Hayek**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- CARVALHO, André Roncaglia. **Equilíbrio, coordenação e conhecimento**: um estudo sobre a questão monetária em Hayek. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- CHAKRAVARTY, Sukhamoy. Paul Rosenstein-Rodan: An Appreciation. **World Development**, v. 11, n. 1, p. 73-75, 1983.
- COHEN, Avi Jonathan. The Hayek/Knight capital controversy: the irrelevance of roundaboutness, or purging processes in time? **History of political economy**, v. 35, n. 3, p. 469-490, 2003.
- CRAYER, Earlene. The emigration of the Austrian economists. **History of Political Economy**, v. 18, n. 1, p. 1-32, 1986.
- DEKKER, Erwin. The Vienna circles: cultivating economic knowledge outside academia. **Erasmus Journal for Philosophy and Economics**, v. 7, n. 2, p. 30-53, 2014.
- DER WISSENSCHAFTEN, Österreichische Akademie. **Österreichisches Biographisches Lexikon 1815–1950**. Bd. 10 (Lfg. 48), S. 193f 1992. DOI. 10.1553/0x002851db. Disponível em: <http://www.biographien.ac.at/oebl/oebl_S/Schlesinger_Karl_1889_1938.xml>. Acesso em: 16 de abril de 2020.
- EBENSTEIN, Alan. **Hayek's journey: The mind of Friedrich Hayek**. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2003.
- HAGEMANN, Harald. The Austrian School in the Interwar Period. In: HAGEMANN, Harald; NISHIZAWA, Tamotsu; IKEDA, Yukihiro. **Austrian Economics in Transition**. Londres: Palgrave Macmillan. p. 179-195, 2010.
- HAYEK Friedrich A. Nobel Prize Winning Economist Oral History Transcript. Oral History Program. UCLA, 1983 Disponível em <https://archive.org/details/nobelprizewinnin00haye> (acesso em 04/09/2020).
- HOSSEINI, Hamid. Rosenstein-Rodan: From marginal utility to a pioneer in economic development and possibly socio-economics. **The Journal of Socio-Economics**, v. 28, n. 2, p. 117-118, 1999.
- HÜLSMANN, Jörg Guido. **Mises: The last knight of liberalism**. Ludwig von Mises Institute, 2007.
- KLAUSINGER, Hansjörg. Hans Mayer, last knight of the Austrian school, Vienna branch. **History of Political Economy**, v. 47, n. 2, p. 271-305, 2015.
- KURDIOVSKI, Richard. **The cliché of the Viennese café as an extended living room**. In: ASHBY, Charlotte; GRONBERG, Tag; SHAW-MILLER, Simon (Ed.). **The Viennese cafe and fin-de-siecle culture**. New York: Berghahn Books, 2013.
- LEEN, Auke R. Marginal Utility: Short-cut in equilibrium and disequilibrium. In: **Congresbijdrage Eur. Conf. Austrian economics**. Maastricht. 1992.
- LEONARD, Robert J. Ethics and the excluded middle: Karl Menger and social science in interwar Vienna. **Isis**, v. 89, n. 1, p. 1-26, 1998.
- LEONARD, Robert. **Von Neumann, Morgenstern, and the creation of game theory: From chess to social science, 1900–1960**. Nova York. Cambridge University Press, 2010.

- MADERTHANER, Wolfgang; SILVERMAN, Lisa. “**Wiener Kreise**”: Jewishness, Politics, and Culture in Interwar Vienna. In: HOLMES, Deborah; SILVERMAN, Lisa (Ed.). **Interwar Vienna: culture between tradition and modernity**. Rochester, Camden House, p. 59-81, 2009.
- MEIER, Gerald; SEERS, Dudley. **Pioneers in Development**. Washington: Oxford University Press, 1984.
- MISES, Ludwig von et al. **The historical setting of the Austrian school of economics**. New Rochelle: Arlington House, 1969.
- MISES, Ludwig. **Notes and Recollections: With The Historical Setting of the Austrian School of Economics**. Indianapolis, Liberty Fund, 2013.
- MUDAHAR, Mohinder S. **Dynamic models of agricultural development with demand linkages**. USAID-Employment and Income Distribution Project, Department of Agricultural Economics, Cornell University, 1973.
- PAUL Rosenstein-Rodan Dies; Noted Adviser on Economics. **The New York Times**, New York, 30 abr. 1985. Seção A. Página 26. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1985/04/30/us/paul-rostenstein-rodan-dies-noted-adviser-on-economics.html>>. 1985
- ROSENSTEIN-RODAN, Paul N. The role of time in economic theory. **Economica**, v. 1, n. 1, p. 77-97, 1934.
- ROSENSTEIN-RODAN, Paul N. The coordination of the general theories of money and price. **Economica**, v. 3, n. 11, p. 257-280, 1936.
- ROZENBLIT, Marsha L. **The Jews of Vienna, 1867-1914: assimilation and identity**. Albany: State University of New York Press, 1984.
- SCHUMPETER, Joseph A. **History of economic analysis**. Londres: Routledge, 1954.
- SILVA, Danilo Freitas Ramalho da. **A construção do objeto teórico das teorias do Desenvolvimento Econômico**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2005.
- TIMMS, Edward. **Cultural parameters between the wars: a reassessment of the Vienna circles**. In: HOLMES, Deborah; SILVERMAN, Lisa (Ed.). **Interwar Vienna: culture between tradition and modernity**. Rochester, Camden House, p. 21-30, 2009.
- USAKOWSKA-WOLFF, Urszula; WOLFF, Manfred. **Erna Rosensteins Leben und Werk**. Disponível em: <<http://www.usakowska-wolff.com/erna.htm>>. Acesso em: 16 de maio de 2020.
- VAUGHN, Karen. **Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- WEINDLING, Paul. **A City Regenerated: Eugenics, Race, and Welfare in Interwar Vienna**. In: In: HOLMES, Deborah; SILVERMAN, Lisa (Ed.). **Interwar Vienna: culture between tradition and modernity**. Rochester, Camden House, p. 81-113, 2009.